

VIDA FLUMININENSE

Folha Ilustrada.



ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR
52 - sobrado - 52

CORTE

Trimestre	5\$000
Semestre	10\$000
Anno	20\$000

PROVINCIAS

Semestre	11\$000
Anno	21\$000
Avulso	1\$000



Ultimas noticias do Paraguay.

Reorganisaçao do exercito « d' «El Supremo »

A VIDA FLUMINENSE

AVISO.

Restam-nos poucas collecções completas do 1º anno da *Vida Fluminense*, bem como algumas estampas representando os feitos mais notaveis da guerra do Sul, e retratos authenticos dos principaes generaes.

Tanto as primeiras como as segundas se acham á disposição do publico no nosso escriptorio, rua do Ouvidor n. 52, pelos preços estipulados anteriormente.

Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1869.

Summario.

As « Aventuras do Nhô Quim » — Ainda o Sr. Mac-Mahon.— Agua no bico.— ?— ?— ?— ?— !— O fio de Ariadne.— Molle como cêra!— A farda e os espinhos.— Os pescadores de aguas turvas.— Um trecho de Arsene Isabelle.— Os celleiros paraguayos.— O major Suckow.— Uma estreia unica.— A Sra. Bem-vinda seja muito bem vinda.— Parece historia da caróxa, mas não é. — O mappa do Sr. Rensburg.

Começamos hoje a publicação das « Aventuras de Nhô-Quim, » romance illustrado, devido ao lapis do nosso desenhista e socio Angelo.

São veridicas as scenas d'essa viagem, bem como a maior parte das peripecias, de que foi victima o atoleimado moço.

Quem elle é, donde veio e para onde vai ; é o que não nos compete dizer.

Advinhe-o o leitor, que já tiver tido o prazer de travar relações com algum *Quim* da especie dos d'este, a quem assente a carapuça que ahi lhe fica talhada nas paginas d'este semanario.

Quando, porem, descobrir o nosso homem, não lhe dê a saber que fomos nós os authores da brincadeira. Poderiam seguir-se complicações:— e as grandes luttas a pedido começam sempre assim !

Como essas « aventuras » tem de preencher varias paginas illustradas dos numeros subsequentes da « Vida Fluminense, » aconselhamos ao publico que venha assignar a nossa folha desde já, para que depois não reclame alguns numeros, cuja edição se ache esgotada.

Não julguem que há charlatanismo n'esta especie de reclame. Tivemos de rejeitar muita assignatura no anno passado por não termos collecções completas no momento em que nol-as exigiam !

Ficam todos avizados ; e costuma dizer-se que — « Quem me avisa, meu amigo é » —

* *

O Sr. Mac Mahon continúa a fazer-me scismar de véras !

O seu empenho em não abandonar Lopez, em acompanhá-lo como fiel perdigueiro em sua precipitada fuga por montes e valles, levando ao collo os jovens rebentões d'aquelle tronco tão abalado pelos vendavaes de tantas derrotas, e em estabelecer sua embaixada sob a intrincada coma das florestas paraguayas... leva agua no beco, no meu fraco modo de entender.

Que razões terá o ministro americano para dar tão inequivocas provas de protecção ao dictador do Paraguay, não sei.

Cumprirá elle religiosamente as instrucções que de seu governo recebeu ?

Obrará de moto proprio, por uma d'essas sympathias anomalias, que nem todos podem comprehender, e ainda menos sentir ?

Na primeira hypothese, que idéa faremos nós de um governo que, alimentando com nosco as mais amistosas relações, manda um diplomata seu á terras tão longinquas para servir de *fides Achates* áquelle com quem estamos em guerra aberta ha quatro annos ?

Que idéa faremos de um governo que protege tão francamente um povo, que conhece quasi só de nome, contra outro povo com quem entretém tão importantes transacções commerciaes ?

Será a—neutralidade—uma palavra ôca de sentido, um mytho do direito das gentes para o colosso do Norte ?

Que interesses levaram a grande *Republica* americana a auxiliar um tyranno como Lopez contra uma nação que goza mais liberdade do que as proprias pseudo—republicas ?

Não foi de certo a decantada questão da escravidão, porque no Paraguay tambem ha escravos.

Não foi de certo o facto de haver no Brasil um governo monarchico constitucional, porquanto o do Paraguay, se bem que republicano na apparencia, não é senão *absoluto e muito absoluto*.

E' um dedalo de conjecturas em que o espirito se transvia, e cujo fio de Ariadne só o futuro nos ministrará.

O governo norte-americano, sempre tão arrogante, amolda-se como cêra aos caprichos lopezcos, esquece que seu representaute Wasburn foi desrespeitado a ponto de vêr arrancados de sua comitiva dous dos seus empregados ; esquece que Bliss e Mastermann foram encarcerndos de ferros aos pés ; esquece que muitos outros subditos seus, negociantes em Assumpção soffreram o mais injusto sequestro, ficando reduzidos á miseria ; esquece tudo ! E ainda se sujeita á imposição de conservar presos a bordo de um dos seus navios de guerra, sem deixar communicar com terras platinas e brasileiras, os dous alcunhados conspiradores Bliss e Mastermann !

São cousas que não se commentam.

A segunda hypothese é porventura ainda mais incomprehensivel do que a primeira.

O Sr. Mac-Mahon não pôde obrar assim de moto proprio ; por mera sympathia pelo despota não andaria elle despedaçando os ricos bordados de sua farda de diplomata nos espinhos das brenhas guaranys.

* *

Isto ainda nos admira ; entretanto já deviamos estar habituados a vêr os elementos estrangeiros do Prata, pronunciarem-se sempre contra nós.

Na sua *Viagem a Buenos Ayres*, o Sr. *Arsene Isabelle*,

fallando da guerra que sustentámos contra *José Artigas*, diz, referindo-se aos pescadores de aguas turvas:

« Et que diré de ces hommes, qui, spectateurs tranquilles, ont fomenté de loin ces troubles, uniquement pour satisfaire leur cupidité ! C'est ainsi que des négociants de Buenos Ayres anglais, français et américains du nord, ont cooperé efficacement à tous ces désastres, et qu'ils ont fondé leur fortune sur la destruction de plus de vingt mille familles ! ! »

Não lhes parece que esta carapuça serve como uma luva na presente quadra ?

Por muito que a tivesse preparado Lopez, não poderia resistir como resistio durante quatro annos, arruinando tantas mil familias, se o mais repugnante contrabando e a mais requintada má fé não abarrotassem constantemente os celleiros e depositos paraguayos.

*
* *

Communicam-nos.

« Falleceu no dia 7 do corrente o major Guilherme de Suckow na idade de 79 annos.

« Era um dos estrangeiros mais antigos no Brasil, para onde veio em 1824, servindo no exercito até 1827.

Um dos primeiros cuidados do Major Suckow, logo que se desligou das fileiras do exercito, foi melhorar o serviço dos vehiculos no Rio de Janeiro, e tão bem se houve n'esse empenho que breve collocou a capital do Imperio a par das primeiras cidades do mundo.

« Foi tambem elle o introductor das corridas de cavallos na côrte, e, para tornar mais completa sua idéa, começou ha seis mezes no Prado Fluminense uma obra gigantesca (vide o desenho da ultima pagina do presente numero da *Vida Fluminense*), onde os amadores poderão effectuar as mais brilhantes corridas.

« Contribuiu igualmente em larga escala para incutir no animo de todos a necessidade de melhorar a raça cavallar no Brasil.

« O major Suckow era conhecido e estimado por todos, Se não deixou a seus filhos uma grande fortuna, legou-lhes ao menos um nome honesto, como os que mais o são. »

*
* *

Das officinas do Sr. Eduardo Rensburg acaba de sahir um primoroso trabalho de gravura e lytographia.

E' o mappa commercial da cidade do Rio de Janeiro com indicação de todas as ruas, numeros das portas e outros esclarecimentos, que o tornão de incontestavel utilidade.

A gravura, feita pelos Srs. Kœgel e Schwestka, é de uma perfeição admiravel pela correccão do traço e igualdade das linhas.

A lytographia, á cargo do Sr. Rensburg, é o mais nitida, que pode desejar-se, e hombra com os melhores trabalhos da velha Europa.

O Sr. H. Fleius publicou tambem um mappa identico.

Na opinião de todos os que tem visto um e outro, o do Sr. Fleius é muitissimo inferior ao editado pelo Sr. Rensburgo.

*
* *

Não ha nas nossas tradições theatraes memoria de uma estréa tão brilhante como a da Sra. Bemvinda na *Phenix Dramatica*, sabbado passado.

O publico victoriou-a com delirio, chamou-a repetidas vezes ao proscenio, e, cobrio-a de flores.

O enthusiasmo foi immenso; nos camarotes e na platéa echoaram bravos de admiracão; ninguem comprehendia como uma mocinha, sahida hontem dos bancos do conservatorio de musica, sem escolae que nunca

tinha pisado o tablado, se apresentasse n'elle desempenhando com tanta intelligencia e naturalidade o difficil papel de protogonista na parodia do *Orpheu aos infernos*.

Entretanto dez vezes maior terá sido o enthusiasmo dos espectadores, se elles soubessem em que condições extraordinarias se estrejava a novel Artista, se soubessem que tudo aquillo era resultado de *quatro horas apenas de estudo* !

No sabbado passado, pelas duas horas da tarde, adoeceu repentinamente a Sra. Anna Costa, encarregada do papel de Brigida (*Euridice, na opera franceza*). Por um lado não convinha transferir o spectaculo annuciado e para o qual já se tinham vendido grande numero de bilhetes; por outro lado não havia a quem confiar o importante papel de protogonista, visto terem todas as demais artistas da companhia seus lugares especiaes na parodia.

Imaginem em que apuros se vio o pobre Vasques, director da *Phenix* (por graça de seu talento e por unanime vontade de seus associados) !

Foi uma hora de dura provação para elle !

Pelas tres horas, e sem que ninguem esperasse a jovem Bemvinda, que não era senão uma corista, declarou que se achava com coragem para desempenhar o papel de Brigida.

Bonita voz sabiam todos que ella possuia; por ahi não naufragava o barco. Suppunham tambem todos que, sendo dotado de excellente ouvido (como se diz na *gyria musical*), a jovem corista deveria saber mais ou menos os diferentes *canplets* da operetta, pelo que com uma ou duas horas de ensaio ficaria ella em estado de cantar regularmente.

Mas a parte fallada? Mas os dialogos tão comicos? Mas o jogo da scena, sempre difficil principalmente nas parodias em que tudo é tão extravagante e exagerado.

Ella que nunca tinha proferido *duas palavras* em scena poderia encarregar-se de uma primeira parte, estreiar-se n'um papel, que nem todas, depois de muitos annos de practica, se animam a desempenhar, e isso depois de breves horas de ensaio ?

Porém era a unica taboa de sálvação que lhe restava; por isso Vasques agarrou-se a ella com unhas e dentes, e, como o tempo urgia, ordenou que começasse desde logo o *ensaio de experiencia*.

Quatro horas depois a joven estreiante pisava um palco recamado de fôres e arrancava dos labios de quantos a ouviam os mais freneticos bravos, acompanhados de prolongadas salvas de palmas.

A. DE C.

ACERCA DOS THEATROS

« *Si jamais je te pince* » peça em 3 actos, representada no theatro francez.

*
* *

Prospero Faribol (*Vial*) é marido da Sra. Alexandrá, (*Charton*) a mulher mais ciumenta de que ha noticia em todos os vaudevilles passados, presentes e futuros.

Sonha um dia a cara metade, que o bom do esposo ajustara um *rendez vous* com certa dama do *demi monde*; e para saber até que ponto pode chegar a realidade do sonho, consegue, á força de ameaças, que o papalvo de Faribol desça á indignidade de fazer-lhe uma confissão formal.

Senhora do segredo, e indignada contra aquella fraqueza indesculpavel, jura Alexandra vingar-se accei-

(Continúa na pag. 730.)

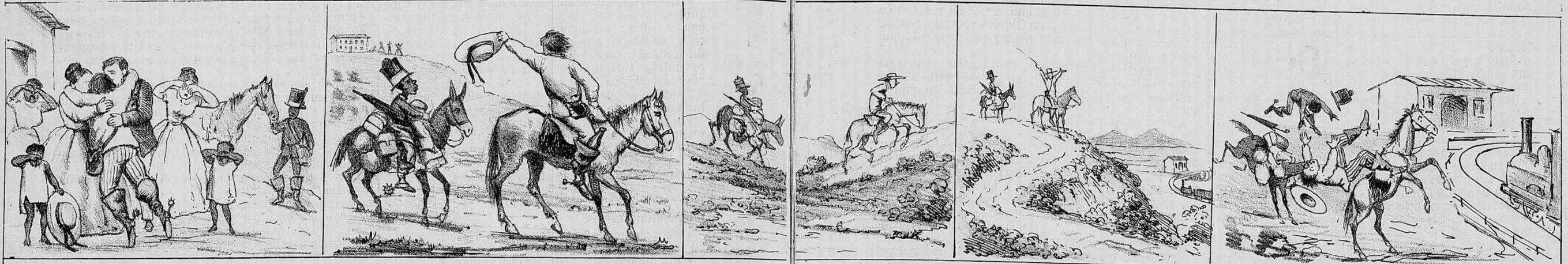
AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE.

HISTORIA EM MUITOS CAPITULOS

CAPITULO I.

(DE MINAS AO RIO DE JANEIRO.)

Nhô Quim, joven de 20 annos, filho unico de gente rica porém honrenem um pires. O velho Quim, tendo só em vista a felicidade do pequenmandar o filho plantar batatas, (o que seria muito proveitoso na roça), resada, namorara-se de Sinhá Rosa, moça virtuosa, mas que... de louca, entende que mulher sem dinheiro é asneira; e por isso em lugar deolve-o a dar um passeio á Côrte para distrahir-o.



Nhô Quim decide-se a deixar os lares paternos. Cobrem-no de beijos, abraços, conselhos e bençãos!

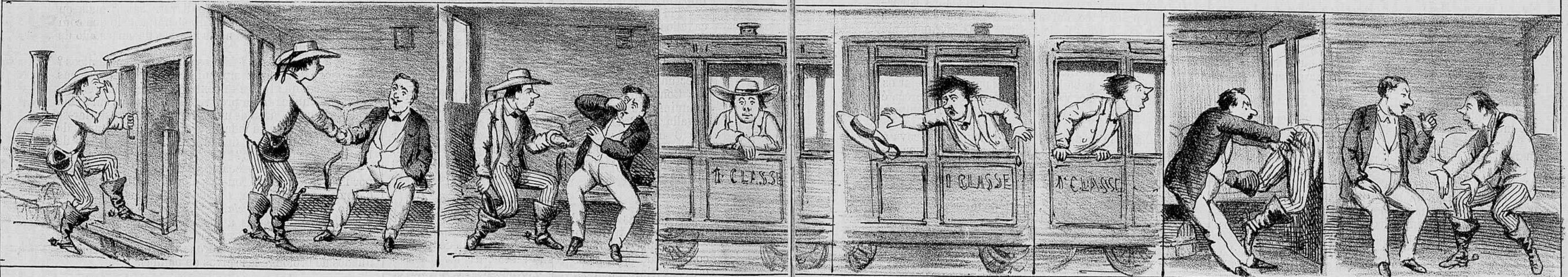
Montado no cavallinho russo, diz o nosso herôe o ultimo adeos!

Leva tres dias e companhia do seu

completos a galgar morros, na fiel Benedicto.

Avista afinal a desejada estação. Nhô Quim fica absorto,

e o cavallinho russo muito admirado!



Pelo sim pelo não o nosso homem benze-se tres vezes antes de entrar no trem.

— E por causa das duvidas, vai cumprimentando com delicadeza.

— e offerecendo um pedaço de queijo de Minas, que traz bem guardadinho na bota, e que pelo aroma parece queijo Suisso.

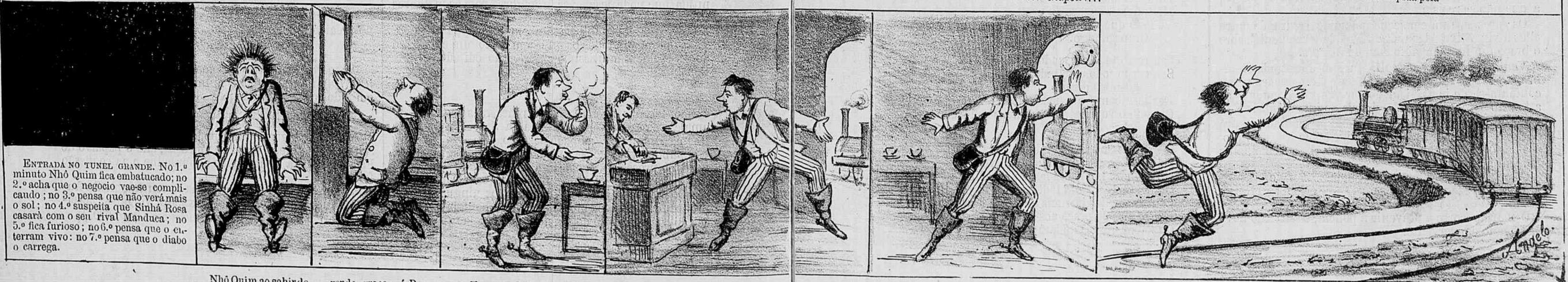
Nhô Quim observa que a viagem em vvaagon não é ruim; e que por anda mais ligeiro que o seu cavallinho russo.

tão ligeiro, que o vento...!!!

Nhô Quim grita ao machinista: *Munsii, espere!*... *Puze a rêdea da machina...* *Lá se vae meu chapêu!*...

Vendo que o trem continua, Nhô Quim fica zangado e quer precipitar-se pela portinhola....

Nhô Quim explica que o chapêu foi dado por Papai, e a fita por Sinhá Roza no dia de seus annos; mas a conversa é interrompida pela



ENTRADA NO TUNEL GRANDE. No 1.º minuto Nhô Quim fica embaticado; no 2.º acha que o negocio vae-se complicando; no 3.º pensa que não verá mais o sol; no 4.º suspeita que Sinhá Rosa casará com o seu rival Manduca; no 5.º fica furioso; no 6.º pensa que o cieterram vivo; no 7.º pensa que o diabo o carrega.

Nhô Quim ao sahir do tunel!

rende graças á Providencia pela sua resurreição!

Chega a Belem....
« Safa! Que café...
tão... tão... tão...
quente!... »

Nhô Quim paga e pede o troco.

« Espere!... Já vou indo!...
Estou esperando o trôco! »

« Lá se vae o trem!... Puze a rêdea, Munsii!... Olhe que sou eu!... Puze a rêdea!... Pêre um pouco!..... »

(Continua.)

tando a esmo a côrte de quanto peravilho se lembrar de cortejal-a.

Para começar recebe em casa um tal Gluters, (*Borel*) a quem dá não equivocadas provas da mais licita amabilidade.

Faribol, que não está pelos autos, consegue pôr na rua o importuno namorado; este porém torna a entrar pela janella.

Desesperado o marido pelas peripecias d'este namoro escandaloso, e para evitar também que a mulher receba a visita de 4 moços por ella convidados a vir tomar chá em sua casa, julga acertado fechar todas as portas, e sahe deixando a esposa completamente engaiolada.

Os quatro rapazes, porém, já se achavam de portas a dentro: e ao passo que Faribol transpõe o ultimo degráo da escada, apparecem elles em campo. Instigados por Alexandra decidem-se não só a galgar pela janella, onde encontram ainda a escada, que dera ingresso ao apaixonado Gluters, como até a apresentarem-se em casa do Sr. Papavert, (*Halbleib*) que dá n'essa noute um baile, e cuja casa fica situada nas proximidades da de Faribol.

Alexandra nem de vista conhece Papavert; e os seus quatro companheiros estão no mesmo caso.

Quando, pois, á entrada do baile o criado lhes pede os nomes, Alexandra responde-lhe simplesmente — *Va te promener* — e os rapazes dizem em coro — *Des navets!* O criado, informado de quanto queria saber, dá-se pressa em annunciar Mme. *Va te promener* e Messieurs *Des navets!*

Papavert typo ratão e altamente caricato, não se lembra de ter convidado semelhante gente para a sua reunião; e como julga que o criado pronunciara mal os nomes, dirige-se amavelmente aos recém-chegados e procura saber como se chamão.

Alexandra repete um *Va te promener* que não deixa mais campo ás duvidas; e os quatro moços entoão o mesmo *Des navets*, que já lhes servira de apresentação.

Papavert, desconfiando que está sendo victima da mais descabellada mystificação, decide-se a despedir os intrusos, no momento em que entra de Gluters. Apenas Alexandra avista o namorado moço, corre a elle, e pede-lhe uma apresentação formal para si e para os quatro primos, que a acompanham.

Feitos os cumprimentos do estylo, retiram-se os convidados para as outras salas.

Chega então a orchestra, pela qual se esperava ha muito tempo; e por um desses acasos de *vaudeville* o tocador de rabeca é Faribol.

(Eu não sei se já disse ao leitor que o marido de Alexandra era musico de profissão. Se não disse, dlgo-o agora *et cela revient au même.*)

Afinados os instrumentos (dous por junto, rabeca e flautim) inaugura-se o baile com uma d'essas polkas, a que não se resiste.

Os pares entram em scena polkando, figurando entre elles a vingativa Alexandra derreada ternamente sobre o braço direito do apaixonado de Gluters.

Vendo isto. Faribol salta furioso do estrado; lembrando-se porém dos seus deveres de musico pago, contenta-se de ir na pista do par venturoso, que pouca attenção parece dar á impaciencia do infeliz musico.

Consegue este afinal separal-os; e quando procura obrigar a mulher a sahir d'ali, Alexandra renega-o, sustentando cynicamente que não conhece semelhante homem!

Começa a manifestar-se o escandalo. Papavert, attrahido pela vozeria, paga o salario de Faribol e obriga-o a sahir *in continenti*.

O marido corre a prevenir a policia, e entra de novo disfarçado em servente.

Por intermedio de um criado manda entregar á esposa um bilhete recheado de ameaças.

Ao ler a missiva, Alexandra decide-se a dar ás de villa-diogo na companhia de Gluters. Quando, porém, vão para sahir, dão face a face com Faribol, que ouvira tudo.

Reunem-se os convidados; e o musico, depois de contar toda a sua historia, (em que por certo não ha primores de harmonia,) tenta envenenar-se engulin certo liquido de antemão preparado.

Alexandra commove-se então: declara que Faribol é seu marido, e por fim de contas... perdoa-lhe tudo.

O musico, ebrio de contentamento, (o caso não era para menos) aconselha todos os maridos presentes a que nunca enganem as respectivas consortes.

D'este enredo, adubado com grande copia de ditos extravagantes e chistosos *calenbourgs*, fizeram os Srs. Labiche e Michel a comedia, que se representa actualmente no Alcazar ao som de merecidos applausos e estrondosas gargalhadas.

Halbleib é inexcedivel na interpretação do character caricato de Papavert. Vial Hurbain, e Charton contribuem maravilhosamente para o bom andamento da peça.

*
* *

O carnaval promete cousas do arco da velha.

O Lyrico, apesar da pirraça das sociedades carnavalescas, prepara com afan os seus esplendidos salões, para receber a gente alcazarina, que, segundo me segredam, parece decedida a fazer a sua permanencia unicamente n'aquelle theatro.

Podéra! Fallaram-lhe em cancan desenfreado, e em cêa lauta depois do baile! Que mais podem desejar os rouxinões da rua da Valla? (Olhem que isto de cêa é segredo da Praça... vejam lá!... não me comprometam.)

O S. Pedro lava a cara, esfrega as mãos, escova a tunica, e paramentado com o esmero de qualquer coronel da guarda nacional em dia de galla, prepara-se para receber a alluviaõ de sociedades, que d'esta vez lhe bate á porta!

O misero receia, comtudo, não ter sufficientes accommodações para tanta gente!

A. DE A.

A ESMO.

TYPOS E DISPARATES,

IV.

Parece homem, é certo,
Mas quem o encara de perto
Vê logo que elle é perfeito
Orangotango.

Seu rosto todo marcado
Seu corpo todo achatado
Dão-me o direito
De dizer com franqueza que me zango
Quando o vejo entre os homens collocado.

Typo mais exquisito,
Que mais horror inspire
Nesta côrte não ha; não ha talvez
No mundo inteiro; mas eu acredito
Que embora a edilidade se conspire
Contra a sua existencia entre os humanos
Elle, graça da praça aos soberanos
Que tem, nunca andará de quatro pés

Se elle é bruto na fórma
 E' no espirito tão embrutecido,
 Que lhe é desconhecido
 Da cortezia o mais vulgar preceito.
 Elle segue por norma
 De certo amigo seu, muito do peito
 O proceder-de todos
 Os homens de bom senso-reprovado.
 E o tal amigo seu, sendo dos lados
 A escoria não merece contemplado
 Ser entre os typos d'esta collecção.
 Por isso o deixo em paz, e ao mundo peço
 Que, como do progresso
 Inspector principal, lhe dê ingresso
 Nos gremios em que abunda a educação.

Rua de Bragança. 17 de Janeiro de 1900.

(Continúa.)

SONETO.

Passaste como a estrella matutina,
 Que se some na luz pura da aurora;
 Da vida só viveste aquella hora
 Em que a existencia é flôr, luz sem neblina.

Ver-te e perder-te! De tão triste sina
 Não passa a mágua em mim, antes peora;
 Sem ver-te já, minha alma inda te adora
 Em triste culto que a saudade ensina.

Não vivo aqui, a vida em ti só ponho,
 Na fé de Christo, filha a dor abrigo,
 Futuro em ti no céo vejo risonho!

Neste mundo, meu mundo é teu jazigo,
 Dizem que a vida é triste fallaz sonho,
 Si é sonho a vida, sonharei comtigo.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

O SEGREDO DE MISS AURORA

POR

M. E. BRADDON.

CAPITULO VII.

(Continuação.)

VOLTA DO INFELIZ JOHN MELLISH.

John Mellish não podia mais supportar a grande cidade de Paris. Por vezes havia-lhe passado pela mente a idéa de comprar um fogareiro, um cestinho de carvão, e de asphyxiar-se tranquillamente na sua grande sala dourada do Hotel Meurice. Que vantagens auferia elle com a posse de tanto dinheiro, cães, cavallo, terrenos e propriedades? Tudo isso reunido não podia comprar a ventura de possuir Aurora Floyd.

O leitor que lembra-se que John Mellish, o robusto rapagão de olhos azues e cabellos louros, tinha sido adulado por parentes pobres, parasitas e criados, desde a hora em que nasceu até á em que completou seu trigessimo anniversario; por isso poderá avaliar quanto lhe havia de parecer extraordinaria a decepção por que passára, elle que não estava affeito a soffrer decepções. Se Mellish fosse um potentado oriental mandaria chamar seu vizir e o estrangularia para desabafar-se; mas como era simplesmente um proprietario do Yorkshire, não teve remedio senão resignar-se a carregar sósinho o enorme fardo de sua dor.

O resultado de tudo isto foi que n'uma bella tarde Mellish deu repentinamente ordem de preparar as malas, e na madrugada seguinte dirigio-se para o caminho de ferro do Norte.

Era de supôr que se encaminhasse em linha recta para sua casa de campo, onde tinha tanto que fazer; porém contra toda expectativa, em vez de ir da estação do caminho de ferro de Douvres ao Hotel do Norte, jantar ás carreiras e partir para Doucastre no trem *express*, Mellish foi de carro á taverna de Gloucester, onde se installou coma intenção, dizia elle, de ver a exposição de animaes. No dia seguinte pela manhã sahio da taverna de Gloucester e encaminhou-se para Beekevhham.

Archibaldo Floyd, que ignorava a declaração e recusa trocadas entre sua filha e o habitante de Yorkshire, o tinha mais de uma vez convidado a voltar a Felden Woods.

Porque não voltaria elle? Não seria mesmo indisculpavel grosseria passar por ali e seguir o rumo de sua costella sem ir apertar a mão do velho banqueiro, de quem não tinha a menor razão de queixa? Eis o que vinte vezes por dia dizia ao seus botões o rapagão louro.

E' inutil declarar que Mellish não só não sabia nada a respeito da felicidade de Talbot, como tambem consolava-se um pouco com a idéa de que o rival, que se havia embarcado no mesmo navio, tinha com elle naufragado.

Mellish foi introduzido na sala do bilhar, onde encontrou Aurora copiando a lapis um quadro de Rosa Bonheur, e Talbot occupado a aparar os lapis.

Compreende-se instinctivamente que o homem que apara lapis, ajuda a desembaraçar um novello de lã, ou carrega o cachorro predilecto... é um apaixonado.

Mellish bem o sabia por experiencia propria.

Ao contemplar o amoroso grupo dos dous noivos, o habitante do Yorkshire suspirou tão alto que Lucia e sua mãe, que estavam sentadas a pequena distancia, voltaram-se admiradas. Mellish estendeu a mão a Aurora, mas não a Talbot; depois sentou-se, torcendo entre as mãos as abas de seu chapeu, sem articular uma só phrase.

Lucia veio em seu socorro, apresentando-o á sua mãe, e a boa Sra. Alexandre ficou encantada vendo sua physionomia franca. Por felicidade Mellish conservou-se de costas para a luz, de maneira que nenhuma das duas senhoras pôde ler em seu rosto o que se passava em seu coração.

O banqueiro não consentio que seu hospede partisse n'aquella noite nem no dia seguinte.

— Hade passar aqui o Natal comnosco (dizia elle) e hade ver aqui surgir o anno novo. Toda minha familia está aqui; é esta a unica epoca do anno em que Felden parece ser a casa de um patriarcha. Seu amigo Balstrode fica comnosco tambem.

Mellish estremeceu amiudo a estas ultimas palavras.

Com que cara John Mellish aceitou o convite do banqueiro e resolveu hospedar-se a poucos passos do quarto occupado por Talbot.!?

Mas já disse que o amor é uma paixão de medroso, E' como a dor de dentes: os mais valentes succumbem á tortura e choram como crianças.

Mellish consentio em ficar; mas ao anoitecer entrou no quarto de vestir de Bulstrode para exprobar ao capitão sua traição. Talbot fez o que pôde para consolal-o, dizendo estas palavras, que estavam bem longe de exprimir fielmente suas idéias:

— Ha mais mulheres no mundo meu caro John! Ha por ali mais de uma moça encantadora que se julgaria muito feliz se conquistasse a affeição de um rapaz como tu!

— Odeio as moças encantadoras e amo Aurora. Amo-a muito, Talbot! disseste-me que ella não havia aceitado tua declaração e que partias de Brighton no trem das oito horas; entretanto, em vez de partires, ficaste, e fizeste segunda declaração, que foi aceita, não sei porque. Com a bréca? isto não é jogar franco!

Depois de proferir esta apostrophe, Mellish atirou-se sobre uma cadeira, que gemeu sob seu pezo e poz-se a atizar com furor o fogo da chaminé.

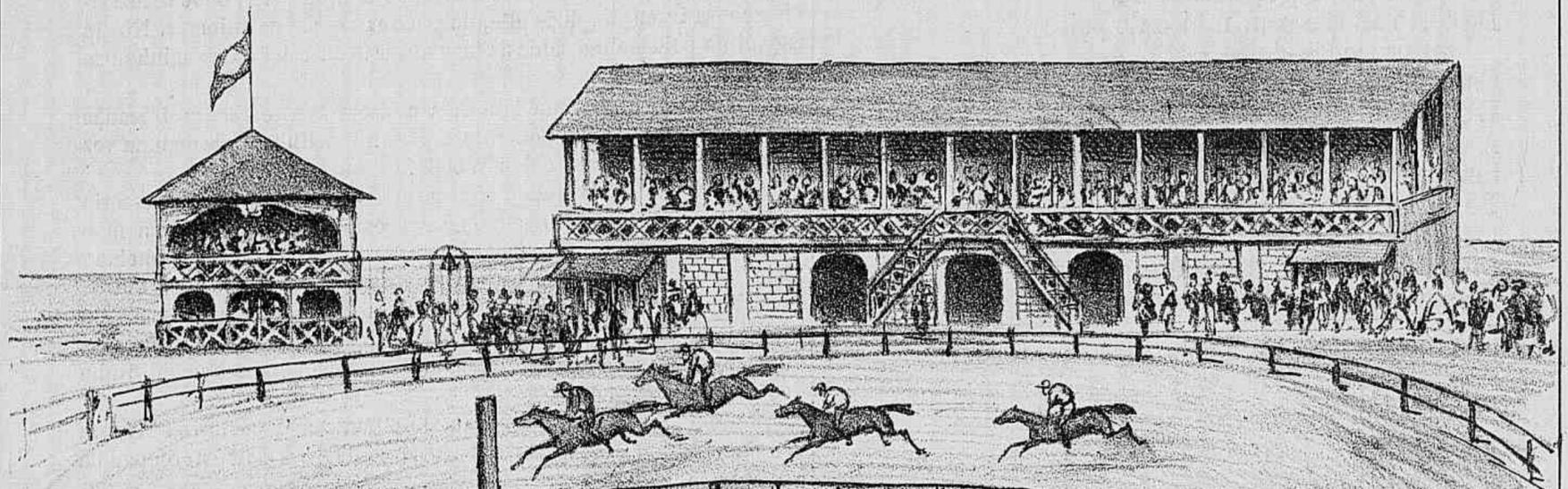
O infeliz louro não podia comprehender que deixasse de haver deslealdade no comportamento de Bulstrode, e indignou-se muito quando este deu-lhe a entender que, em ultima analyse, elle faria talvez melhor de não voltar a Felden--Woods.

Depois do encontro de Matheus Harrison, Talbot tinha-se empenhado em não fazer a menor allusão sobre o vendedor de cães.

Miss Floyd sentia-se incommodada com a presença de Mellish, que via errar nos aposentos como uma alma no purgatorio, olhando sem ver as cousas e suspirando sem cessar.

(Continúa.)

Tribuna Imperial, e archibancada para o publico,
no logar denominado Prado, perto da estação de S. Francisco Xavier.



O MAJOR GUILHERME SUC KOW.

Fundador do Jokey-Club.

(Vide o texto.)

A.